

## Impasses na psicoterapia de adolescentes

**Marly Goulart**

Psicóloga clínica,  
membro do Departamento  
Formação em Psicanálise  
do Instituto Sedes  
Sapientiae.

**Resumo:** A partir de considerações gerais sobre a adolescência e o adolescente em psicoterapia, centralizo o artigo em alguns impasses que podem surgir durante o processo psicoterápico dessa faixa etária.

Apresento exemplos clínicos onde as faltas, o sono, o silêncio e outras atuações resistenciais, são enfrentadas com atitudes terapêuticas que surgem da dinâmica transferencial de cada caso.

**Palavras-chave:** Psicoterapia; Adolescência; Resistência; Impasse

*A adolescência é ruptura com o mundo infantil e momento de pausa diante do universo dos adultos... Narciso o solitário é a própria imagem do adolescente. Neste período, o homem adquire pela primeira vez consciência da sua singularidade. Mas, a dialética dos sentimentos intervém novamente: como consciência extrema de si, a adolescência só pode ser superada como esquecimento de si, entrega. Por isso, a adolescência não é apenas idade da solidão, é também a época dos grandes amores, do heroísmo e do sacrifício.*

Octavio Paz (1984)

## Sobre o processo adolescente

O conceito de adolescência nasceu na idade média e o período que define essa fase tem se alargado. Por um lado, fala-se em infância roubada<sup>1</sup> referindo-se a crianças que ainda não entraram na puberdade e já têm um funcionamento adolescente; por outro lado, observa-se um estender-se da situação de dependência tanto emocional como financeira dos pais, a ponto de certos autores como Blos (1977) defenderem a idéia de que a adolescência deva ter um fim.

A adolescência caracteriza-se por ser um período de riscos. Dimenstein (2007) cita uma pesquisa coordenada por Macedo, que investiga a porcentagem de jovens brasileiros que se envolvem em situações potencialmente destrutivas<sup>2</sup>.

Outra característica da adolescência é o conflito. Conflitos dentro da família, dentro do próprio grupo de adolescentes, conflitos com as instituições (escola, sociedade), conflitos intrapsíquicos. Jardim<sup>3</sup>, em seu documentário, traz uma amostra dessa constatação numa série de entrevistas com adolescentes de diferentes níveis social e econômico.

Uma visão panorâmica dos desafios dessa faixa etária é dada por uma publicação recente da Revista *Mente e Cérebro: O olhar adolescente - os incríveis anos de transição para a idade adulta* (2008). Organizada nos temas: corpos em transição, tempo de paixões, caminhos da cognição e espelhos da sociedade, é uma coletânea de diversos artigos escritos por especialistas.

A tarefa do adolescente é encontrar um caminho que seja viável, socialmente aceito e que se harmonize com suas características de personalidade, criando um sentido de independência e individualidade, que seja ético. Essa é uma travessia cheia de possibilidades e de inúmeros obstáculos, pois se o adolescente da contemporaneidade tem uma grande diversidade de opções para se tornar um adulto viável, tem também grande chance de se sentir paralisado e/ou perdido. Algumas escolas de São Paulo,

1 Esta problemática foi pertinentemente abordada por Favilli, Tanis e Anhaia Mello no artigo: *A infância roubada: uma reflexão sobre a clínica contemporânea* (2008).

2 Rosa Maria Macedo, psicóloga especializada em terapia familiar, realizou uma pesquisa na pós-graduação na PUC de São Paulo, que avaliava o risco de um jovem abusar cronicamente das drogas e do álcool, de fazer sexo desprotegido e de desenvolver comportamentos violentos. A porcentagem encontrada foi alta: 58% dos entrevistados exibiram tendência, em diferentes graus, de se meter em encrenca.

3 O documentário *Pro dia nascer feliz*, realizado por João Jardim, é definido pelo próprio diretor como "um diário de observação da vida do adolescente no Brasil em seis escolas".

cientes dessa problemática, têm recomendado a publicação de Savater (1996), *Ética para meu filho*, que procura trabalhar sobre essa questão.

### **À procura do terapeuta**

Há algum tempo, um garoto de 12 anos, superdotado, em uma sessão de psicoterapia, disse-me: "Marly, eu estive pensando e acho que os homens inventaram a religião em um momento de desespero. Alguém teve a idéia de pegar uma imagem de barro ou de pedra, acender uma vela e daí achar que seus problemas seriam resolvidos. Eu não sou assim... Às vezes fico desesperado, mas... eu venho na psicóloga. Converso com você, às vezes concordamos, às vezes não, e eu... fico aliviado. Acho que as pessoas deviam ir mais aos psicólogos." A partir dessa fala, tivemos uma conversa interessantíssima sobre a diferença entre pensamento científico e pensamento mágico.

Na maior parte das vezes, diferentemente do exemplo acima, o adolescente não tem consciência da sua necessidade de um trabalho terapêutico. Os pais e o meio ambiente nem sempre propiciam parâmetros úteis para o adolescente fazer a travessia em direção à vida adulta. Também os grupos, tão comuns nessa faixa de idade, costumam ter um funcionamento primitivo e podem não propiciar o suporte necessário para a tarefa de crescimento. O adolescente começa a apresentar problemas de produção ou de disciplina, a somatizar, usar drogas, etc.. São os profissionais de saúde, em geral e os educadores, que com maior frequência encaminham o adolescente para o atendimento psicológico.

O adolescente está em crise quando vem à procura de atendimento. Muito frequentemente está fragilizado e se não for possível um restabelecimento, seu futuro poderá ficar comprometido. O psicoterapeuta será usado como alicerce importante desse restabelecimento.

A turbulência emocional, característica da adolescência, está associada à revivescência das questões edípicas e das situações pré-

edípicas (oral e anal). Assim com pertinência, psicanalistas experientes afirmam que os psicoterapeutas de adolescentes deveriam ter experiência clínica tanto com crianças como com adultos; porque a tarefa que vão enfrentar é difícil. Pois se cabe ao terapeuta tentar ajudar o adolescente a administrar melhor a situação triangular, cabe também tentar ajudar a transformar destrutividade em combatividade e manipulação em autoconhecimento e manejo adequado das emoções.

O adolescente pode mobilizar situações muito primitivas em uma psicoterapia e mesmo o profissional experiente pode ser pego desprevenido. É importante que o terapeuta esteja habilitado a lidar com a agressividade, já tenha ultrapassado no seu próprio desenvolvimento um funcionamento mental moralizador e desenvolvido uma ética para encaminhar a relação terapêutica num sentido construtivo e criativo, mesmo em momentos críticos<sup>4</sup>.

Os desastres psicoterápicos com adolescentes não ocorrem somente em função da gravidade do caso. Às vezes tomamos um caso grave em condições pouco propícias de tratamento, como por exemplo, um número restrito de sessões semanais e somos bem sucedidos. Às vezes nos deixamos levar demasiado pela esperança de poder ajudar, nossa visão fica turva e a possibilidade de uma colisão entre paciente e psicoterapeuta aumenta.

Herrmann (2003) afirma que somos a terceira geração de psicanalistas, aquela que não é mais a dos seguidores de Freud, nem a das diferentes escolas psicanalíticas. Somos a geração que propõe uma revisão dos parâmetros da prática em psicanálise, tendo em vista o tipo de paciente que procura atendimento na última década. Isso porque, cada vez mais, temos tido demandas de pessoas com pouca disponibilidade de tempo e dinheiro para uma análise.

Essas questões têm constituído parte importante da minha reflexão no atendimento de adolescentes e tenho tendido frequentemente a pensar como posso oferecer ajuda com possibilidades de ter condições de trabalho que tenham chance de sucesso. A visão winnicottiana sobre a adolescência<sup>5</sup>, assim

4 Recomendo o artigo Quando o outro entra em cena, nasce a ética, de Umberto Eco (1999), do qual transcrevo um fragmento que explicita a minha idéia: "Assim como ensinaram mesmo as mais laicas entre as ciências, é o outro, é seu olhar, que nos define e nos forma. Nós (assim como não conseguimos viver sem comer ou sem dormir) não conseguimos compreender quem somos sem o olhar e a resposta do outro."

como os textos *Uma teoria sobre o pensar* (1962a); *O aprender com a experiência* (1962b), e *Turbulência emocional* (1977), de autoria de Bion, têm constituído alicerces básicos para meu trabalho clínico.

## Impasses no trabalho terapêutico

O trabalho terapêutico com adolescentes exige atenção vigilante, além de atenção fluante. Poderíamos dizer que um olho do psicoterapeuta tem de estar no latente do comportamento e o outro em como o adolescente lida com o terapeuta e a psicoterapia, que seria uma amostra de como ele administra a realidade externa.

Aspectos melancólicos (perda da condição infantil) e paranóides (o adulto e suas exigências), a idealização do psicoterapeuta, o medo de se conhecer e o uso da identificação projetiva para lidar com os conflitos estão sempre presentes na psicoterapia de adolescentes.

Muitas vezes a tentativa de investigação psicanalítica fica impossibilitada e o repertório interpretativo do psicoterapeuta se esgota. Já em *Aprendendo a andar de skate* (1997) e em *Psicoterapia na adolescência* (2002), apresentei situações vividas com adolescentes; algumas com portadores de transtorno de conduta, que me incitaram a sair do silêncio e colocar limites. Neste texto trago outras situações clínicas que me mobilizaram a tomar atitudes "fora do padrão tradicional" de um trabalho psicanalítico, para preservar e/ou não "queimar" o interesse do adolescente pela psicoterapia.

As referências mitológicas do texto foram escolhidas como representação do que é universal no humano. Os mitos para Bion referem-se à pré-história da mente e, portanto, estão dentro do espaço mental de cada um de nós. O mito de Narciso, característico da adolescência, lida com a tendência humana de fugir do confronto consigo mesmo: segundo Tirésias, Narciso morreria se viesse a conhecer a si próprio. Para Zimmerman (2004), que estuda o mito, é necessário renunciar às ilusões narcisistas e conhecer as próprias debilidades para se chegar à verdade com relação a si mesmo.

5 Para se ter uma idéia geral da visão winnicottiana sobre a adolescência recomendo os textos: *A tendência anti-social* (1956); *Atendimento hospitalar como complemento de psicoterapia intensiva na adolescência* (1963); *Conceitos contemporâneos do desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação superior* (1968); e *Realidade e jogo* (1979).

Os exemplos clínicos aqui transcritos estarão associados, também, a outros mitos relativos à adolescência e referem-se a ocorrências resistenciais, que se dão com frequência no processo psicoterápico dessa faixa de idade: as faltas, o sono, o silêncio e as atuações.

### **Híbris<sup>6</sup> e as faltas**

6 Híbris (do grego *Hýbris*).  
A personificação da  
arrogância e da insolência  
e a mãe de Coro (a  
saciedade). (KURY, 2003)

Híbris era uma garota de dezessete anos que veio para a psicoterapia encaminhada pela psicoterapeuta anterior, que se mudara de São Paulo. Muito desorganizada e com dificuldades sociais e afetivas, logo quis estabelecer uma comparação competitiva entre eu e a outra psicoterapeuta. As tentativas de apontamento de competição entre dois lados dela, representados pelas duas psicoterapeutas, deixaram-na um pouco mais estável emocionalmente e conseqüentemente mais organizada na sua vida exterior. A desorganização interna foi então projetada na relação terapêutica e Híbris começou a faltar à maioria das sessões e a atrasar-se muito quando conseguia vir. Sempre tinha uma desculpa: estava vindo e uma amiga tirou-a do caminho, esqueceu que era dia de sessão, tinha um trabalho com colegas da escola, etc.. Por mais que eu tentasse colocar que ela estava fugindo de um confronto mais direto consigo mesma, Híbris negava.

Então coloquei: "Híbris, talvez você falte por um motivo diferente daquele que eu tenho te apontado. Mas... andei pensando e verifiquei que não vou conseguir suportar três faltas suas seguidas." Então, prossegui: "Vamos combinar o seguinte: se você não conseguir vir por três sessões seguidas, nosso trabalho ficará suspenso sem qualquer necessidade de conversa. Quando você tiver maior disponibilidade, retomamos."

Ela se espantou e não comentou a minha fala. Passou a vir a todas as sessões por uns tempos com atraso; depois no horário. Aos poucos a desorganização interna foi sendo trabalhada verbalmente e o processo terapêutico foi adiante.

## Hipnos<sup>7</sup> e o sono

Hipnos era um rapaz de quinze anos, com tendência à compulsão alimentar e à obesidade (chegava a comer cinquenta tabletes de chocolate por dia), que estava sendo atendido em psicoterapia (duas sessões semanais) acerca de um ano. Ele tinha emagrecido e melhorado sua produção escolar: numa avaliação pedagógica havia conseguido tirar uma nota maior que a nota oito que precisava em matemática para passar de ano.

Logo após o sucesso na escola, Hipnos começou a resistir ao trabalho terapêutico da seguinte forma: vinha às sessões e dormia profundamente. No início tentei investigar o que se passava e arrisquei algumas interpretações: medo do sucesso, competição, inveja, manipulação. Meu silêncio também não trouxe mudanças na situação. Um dia resolvi falar claramente: "Hipnos, aqui não é lugar para você dormir e eu vou tentar te ajudar a não fazê-lo. Vou te acordar quantas vezes forem necessárias."

Quando me lembro dessa situação, acho que foi um dos "braços de ferro" mais difíceis que já participei. Ele adormecia e eu o acordava. Ele adormecia e eu o acordava. No dia seguinte, Hipnos me deixou um bilhete na sala de espera; que transcrevo: "Marly, ontem ao sair da sessão eu fiquei um pouco magoado. À noite eu pensei no que você me falou e você está certa em dizer que eu não devo dormir na sessão. Estou envergonhado e não sei a minha reação quando chegar a próxima sessão. Vou ver se volto com o pé direito e com ânimo, direi tudo o que sinto. Ass. Hipnos."

A partir desse bilhete o garoto pode trazer material verbal relativo às suas emoções e à briga de poder comigo; podendo-se iniciar uma nova fase de trabalho terapêutico.

## Bormo<sup>8</sup> e a atuação

Bormo era um jovem de vinte anos, que estava em tratamento psicoterápico há três anos. Havia superado um imobilismo para estudar, trabalhar e se relacionar amorosamente por intermédio da psicoterapia e com

7 Hipnos (do grego Hypnos). O sono personificado, filho de Nix (a Noite), ou de Astréia, e de Érebo, e irmão gêmeo de Tântatos (a Morte). A localização de sua morada variava conforme as fontes: o inferno, a ilha de Lemnos, e finalmente a terra dos cimérios, num estranho palácio onde tudo dormia. Desse palácio ele comandava os Sonhos, seus filhos em número incontável, entre os quais destacavam-se Morfeu, que tomava a forma de todas as criaturas, Ícelo (ou Fobétor, "o terrificante") e Fântaso, que imitava todos os corpos inanimados (terra, pedra, água, etc.). Hipnos apaixonou-se por Endimião (v.) e usando seus poderes fez com que o belo rapaz passasse a dormir com os olhos maravilhosos abertos para poder vê-los continuamente. (KURY, 2003)

8 Bormo (do grego Bormos). Um rapaz belíssimo, filho de Titias (ou Títio). Certo dia ele ia buscar água para os ceifadores numa fonte profunda e foi raptado pelas ninfas. Celebrava-se anualmente o seu desaparecimento, na época da colheita, com cantos tristes acompanhados por flautas plangentes. (KURY, 2003)

o auxílio de medicação antidepressiva, administrada por um neurologista da minha confiança. Por conta da profissão que passou a exercer, o contrato terapêutico foi se alterando, já que muitas vezes ele trabalhava fora de São Paulo. Começou a vir à psicoterapia em horários marcados a cada semana e quando arguido se não era hora de interromper o trabalho terapêutico, dizia que não; embora não estivesse mostrando novos progressos.

Tivemos, então, a seguinte situação. Marcamos uma reposição e no dia previsto fui atender um adolescente em fase de entrevistas, no horário anterior ao marcado para Bormo. O jovem não apareceu e Bormo também não. O que tinha acontecido? Uma falta tinha a ver com a outra? Sim, posteriormente constatei que Bormo tinha chegado mais de uma hora e meia adiantado; enquanto eu atendia outra pessoa. Depois de um tempo, apareceu o outro rapaz. Bormo disse ao recém-chegado: "Você é paciente da Marly? Ela não está porque eu estou aqui há um tempão!". Os dois foram embora!

Fiquei sabendo de toda confusão por um telefonema do jovem que se deixou levar por Bormo. Quando liguei para Bormo, perguntando se ele tinha se dado conta de que havia faltado, ele riu e disse que não tinha importância.

Esperei por ele na sessão seguinte por cerca de meia hora, pois ele se atrasou. Quando chegou, perguntei o que tinha acontecido na sessão anterior e ele me relatou a mesma versão do outro rapaz. Quando disse que ele havia se equivocado no horário e induzido o outro rapaz a não me esperar, ele pôs-se a rir. Disse-lhe então: "Bormo, pode ser divertido para você ludibriar as pessoas. Aqui comigo o que está acontecendo é que você está me "alugando" e não se tratando. Agora vamos combinar o seguinte: ao invés de eu ficar te esperando, você é que terá que se mobilizar para ter uma sessão comigo. Quando você quiser ter uma sessão, você liga e verifica se eu tenho disponibilidade." Ele se surpreendeu e ficou quieto por um tempo. Depois comentou: "Melhor assim. Afinal de contas estou me sentindo

manipulado por você." Acertou o que devia e saiu avisando que ligaria quando precisasse.

Ligou um ano depois, marcando uma sessão na qual veio me pedir ajuda. Estava assustado porque depois de uma bebedeira, tinha acordado no meio de uma relação sexual com um amigo. A emergência de conteúdos homossexuais, que até então ele tinha negado, era evidente. Encaminhei-o para retomar o trabalho psicoterapêutico com um profissional na cidade onde estava morando, o que Bormo aceitou sem reservas.

### Cassandra<sup>9</sup> e o silêncio

Cassandra, com dezesseis anos foi encaminhada pela psicoterapeuta familiar que atendia sua família há algum tempo. Muito tímida e quieta, apresentava dificuldades pedagógicas e de sociabilidade. Era tida por todos como pouco inteligente e excessivamente retraída, mesmo em situações corriqueiras. Quando a psicoterapia começou, deparei-me com longos silêncios, que só eram quebrados se eu fizesse uma pergunta, quando ela respondia laconicamente. Depois de algumas tentativas com o jogo do rabisco<sup>10</sup>, partimos para a elaboração de 'comerciais'<sup>11</sup> de objetos que Cassandra trazia (bolsa, agenda) ou vestimentas que usava (jeans, jaquetas, camisetas).

Após cerca de seis meses de trabalho propus: "Vamos escrever uma novela?" Pela primeira vez recebi um sorriso de Cassandra e verifiquei que ela se entusiasmava com a idéia. Partimos de nove personagens - dentre os quais um casal, dois meninos e uma menina (correspondentes à constituição da sua família de origem) e um gato. Combinamos que cada uma escreveria um parágrafo e a outra autora daria continuidade ao que a anterior havia escrito. Conversamos a respeito da construção das personagens e partimos para a escrita. O enredo foi aos poucos se delineando.

Transcrevo alguns recortes escritos por Cassandra, para a novela intitulada por ela de: *Amores e desamores*.

9 Cassandra. Filha de Priamo e de Hécuba, e irmã de Heleno, com quem compartilhava o dom da profecia. Esse dom, segundo uma das versões da lenda, teria sido comunicado a Cassandra e Heleno por meio das serpentes de um templo de Apolo em Tróia, que lhes lambeiram os ouvidos. De acordo com outra versão, Cassandra teria recebido o dom do próprio Apolo que, atraído por sua beleza, prometeu ensinar-lhe a prever o futuro se ela se entregasse a ele. Aceita a proposta, Apolo cumpriu a promessa, mas na hora de entregar-se ao deus Cassandra fugiu. Apolo não pode tirar-lhe o dom da profecia, porém tornou-o inócuo, porque ninguém acreditaria na profetisa. (KURY, 2003)

10 O jogo do rabisco (squickle game) é uma técnica inventada por Winnicott, cuja descrição encontra-se no livro *Explorações psicanalíticas*.

11 Cassandra pretendia cursar publicidade. Assim num acordo mútuo, começamos a desenvolver comerciais que tinham a finalidade de "prepará-la para a futura profissão"(sic).

p. 2: "O Osmar era muito bonzinho... Percebendo que Eduardo já estava ficando com ciúmes da nova irmã que iria chegar, Osmar resolveu dar um computador novo para o Eduardo, celular e videogame. Assim passa um pouco o ciúme... Mas agora quem ficou com ciúmes foi Bruno."

(Osmar: pai; Eduardo: filho mais novo; Bruno: filho mais velho.)

p. 32: "Ele (Joaquim) já não gostava de Peludo, então quando o médico lhe disse isto, ele começou a gostar menos ainda. Chegando em casa, Cintia perguntou o que era que ele tinha e aí ele disse que era alergia de Peludo. Ela disse para Joaquim que estava pensando em dar Peludo, pois ele estava estragando muitos móveis, mas Eduardo ouviu o que ela disse e implorou para ela não fazer isto. No primeiro dia de berçário, Cintia viu pela câmara que Mariana não parava de chorar, pois estava com saudades da mãe, então resolveu pegá-la mais cedo."

(Joaquim: motorista; Peludo: gato; Cintia: mãe; Mariana: filha.)

p. 62: "Ela (Adriana) começou a contar para ele o porquê dela fumar maconha. Os pais dela tinham se separado e ela era filha única. Ela queria morar com o pai, mas teve que ir morar com a mãe. Então para tentar melhorar sua vida, ela começou a fumar. Foi uma amiga dela que a fez começar a fumar. Sua mãe se casou de novo, mas ela não ficou feliz com isso. Ela disse que já tentou parar de fumar, mas não conseguiu. Eduardo disse para ela ficar tranquila, pois arrumariam um jeito para ajudá-la."

(Adriana: namorada de Eduardo.)

p. 79: "Todos achavam engraçado o jeito de Mariana falar; Eduardo gostou da idéia de ter um cachorrinho que não soltava pelo e aprovou a idéia de Mariana; Cintia falou que cachorro dava muito trabalho, tinha de passear todo dia, dar banho, etc.. Osmar que era todo fresco com animais

de estimação também gostou da idéia de Mariana e disse que ia se divertir muito. Enquanto isso Bruno, Bianca e Jair, estavam tentando escolher o nome para o bebê. Então Bianca deu a idéia dele chamar Renan. Ela perguntou quem gostou desse nome e todos gostaram."

(Bianca: namorada de Bruno; Jair: pai de Bianca e ex-namorado de Cintia.)

p. 102: "Todos ficaram chocados e muito comovidos. Bianca estava muito triste, pois ela e Bruno já estavam comprando coisas para o bebê e pensando em alguns nomes. Bianca ficou com medo de depois de ter perdido seu bebê, Bruno não a aceitasse mais. Ele falou que nunca faria isso, pois a amava e estaria esperando-a. Jair já estava feliz de ser avô e agora ficou muito triste. Mariana também ficou meio triste, porque ela já queria ser tia."

O enredo da novela constitui-se da história de uma família, desde a gestação da filha mais nova até o final da infância dela. As questões da adolescência, transpostas para "os irmãos" (maconha, sexualidade, risco de gravidez) fizeram parte do relato, sempre "temperado" com os sentimentos de ciúmes, inveja e rivalidade.

Através dessa estratégia, Cassandra foi enfrentando seus medos e conflitos e logo após o término da novela, de cento e quinze páginas, quis "dar um tempo" na terapia. Os pais aconselharam-na a não fazer isso, porque estava apresentando inúmeras melhoras na vida escolar, social e afetiva. Tinha até um namoradinho! Confiei na decisão de Cassandra e o trabalho foi encerrado.

Ela prestou vestibular, para a área de humanas<sup>12</sup> e foi aprovada em uma faculdade de primeira linha. Segundo informações da terapeuta familiar, Cassandra mostrou-se capaz de levar o curso adiante, com excelentes notas. O namoro de Cassandra se firmou e ela passou a ser respeitada como alguém capaz de defender seus interesses dentro da família.

12 A área escolhida por Cassandra não foi Publicidade.

## Considerações finais

Uma das versões do mito de Narciso, descrita por Kury (2003, p. 276) é a seguinte:

Um rapaz chamado Aminias apaixonou-se por ele, mas seu amor não foi correspondido. Desgostoso com a insistência de Aminias e querendo livrar-se dele, Narciso mandou-lhe de presente uma espada. Percebendo a intenção cruel do seu amado, Aminias suicidou-se com a espada defronte da casa de Narciso, implorando aos deuses em seus últimos instantes que o vingassem. Mais tarde, vendo seu rosto na água de uma fonte, Narciso apaixonou-se por si mesmo e no desespero de sua paixão impossível suicidou-se. No local de sua morte cresceu a flor que tem o seu nome, e os têspios passaram a cultuar Eros por seu poder irresistível.

Quando um adolescente aceita realizar uma psicoterapia e encontra um psicoterapeuta que se dispõe verdadeiramente a acompanhá-lo na sua busca de identidade, há grandes possibilidades do trabalho ir adiante. Uma condição que todo terapeuta, que tenha trabalhado nos últimos anos com essa faixa etária, conhece é que o *setting* precisa apresentar flexibilidade para que o trabalho se mantenha. No entanto, ser um continente flexível não é ser um continente frouxo, sem contornos.

A resistência durante o trabalho psicoterápico sempre aparece nos atendimentos de adolescentes, podendo adquirir as características da versão do mito de Narciso, descrita anteriormente. Através de atuações que podem adquirir diferentes formas, o adolescente presenteia o psicoterapeuta com uma espada e é necessário que ele tenha cuidado para não matar a si mesmo como terapeuta, nem matar o interesse do adolescente pela psicoterapia.

Quando apontamentos ou interpretações não conseguem reverter a resistência<sup>13</sup>, pode-se recorrer a estratégias advindas da intuição psicanalítica que pode surgir a partir da dinâmica transferencial. Algumas vezes a interrupção do trabalho é necessária para se preservar a possibilidade de renascimento do interesse do adolescente pelo processo psicoterápico, com o mesmo terapeuta ou com outro profissional. Se o psicoterapeuta se comporta de uma forma ética, respeitando os limites da cooperação que o trabalho psicoterápico tem a cada situação é provável que fique na memória do adolescente a representação de uma relação humana que tem a possibilidade de germinar frutos construtivos.

Uma experiência interessante que tive nesse sentido foi encontrar um bilhete na porta da sala de espera do meu consultório. Era de uma jovem que esteve em atendimento na pré-puberdade por poucos meses e que foi retirada abruptamente do trabalho psicoterápico pelos pais. O bilhete dizia: "Dra. Marly: Meu nome é Perséfone<sup>14</sup>. Você me atendeu quando eu tinha onze anos. Hoje tenho vinte e seis e gostaria de fazer uma entrevista. Estarei no número xxxx-xxxx." Perséfone veio para um atendimento. Contou que estava morando fora do Brasil, que estava fazendo análise e procurando se diferenciar das expectativas que mãe e pai tinham a respeito dela. Precisava me ver porque sonhava comigo e com as coisas que fazíamos juntas. Queria saber o porquê de ter sido "arrancada" (sic) do trabalho que fazia comigo e dizer que eu tinha sido a primeira pessoa que respeitara seu jeito de ser.

Na minha experiência é sempre gratificante quando um jovem, depois de alguns anos de encerramento do trabalho terapêutico, dá uma mostra de reconhecimento, como no exemplo descrito acima, ou vem me trazer seu convite de formatura ou de casamento. Curiosamente, no entanto, a manifestação, via presente, mais significativa do processo adolescente que recebi foi de uma jovem que recortou uma 'tirinha da Mafalda', mandou enquadrar e me deu "como lembrança dela" (sic). A transcrição da 'tirinha' é a seguinte:

13 A resistência para Bion é sempre resistência à verdade, o que sempre me foi difícil observar no contato com pacientes durante o processo psicoterápico.

14 Perséfone (do grego Persephone). Mulher de Hades e deusa do inferno. Na versão mais conhecida de sua lenda ela era filha de Zeus e de Deméter, mas em outra fonte teria nascido dos amores de Zeus com Estige, ninfa de um dos rios infernais. Hades, seu tio, apaixonou-se por ela ao vê-la colhendo flores em companhia das ninfas da planície Ena, na Sicília, e aproveitando a ausência de Deméter raptou-a com a ajuda de Zeus. Deméter, transtornada com o desaparecimento da filha, saiu perambulando pela Grécia inteira à sua procura. Comovido com o desespero de Deméter, Zeus deu ordens a Hades algum tempo depois para devolver Perséfone à sua mãe, mas já era tarde. Perséfone, distraidamente ou tentada por Hades, já quebrara o jejum no inferno comendo um grão de romã, e por isso não podia mais sair de lá. Numa solução conciliatória Zeus, instado por Deméter, decidiu que ela passaria parte do ano no reino dos mortos com Hades, e a outra parte no mundo dos vivos com sua mãe. (KURY, 2003)

"Mafalda: Mamãe até que idade eu tenho de obedecer você?"

Mãe: Até você ter o critério, a responsabilidade e a maturidade suficientes para decidir sua vida sozinha.

Mafalda: Puxa! E tudo isso dói muito?"

Eu respondo: Dói sim, Mafalda. É a dor do crescimento.

### ***Impasses in adolescents psychotherapy***

**Abstract:** *From general considerations about adolescence and adolescents in psychotherapy, the article centers on some dilemmas that may arise in this age group psychotherapy.*

*It presents clinical examples where the absences, sleep, silence and other resistance activities are faced with therapeutic attitudes that emerge from the transference dynamics of each case.*

**Keywords:** *Psychotherapy; Adolescence; Resistance; Impasse*

#### **Referências**

BION, W.R. (1962a). A theory of thinking. In *International Journal of Psycho-Analysis*. v. 43, 1962. [Reprinted in *Second Thoughts* (1967).]

\_\_\_\_\_. (1962b). *Learning from experience*. Londres: William Heinemann. [Reprinted in *Seven servants: four works* (1978).]

\_\_\_\_\_. Emotional Turbulence. In: *Borderline personality disorders*. Nova York: International University Press, 1977. [Reprinted in *Clinical seminars and other works*. Londres: Karnac Books, 1994]

BLOS, P. La epigenesis de la neurosis adulta. In: GRINBERG, L. *Prácticas psicoanalíticas comparadas em niños y adolescentes*. Buenos Aires: Paidós, 1977, p. 25-47.

DIMENSTEIN, G. Como calcular o risco de ser jovem. In: *Folha de S. Paulo*. (Caderno Cotidiano.) São Paulo: 18/03/2007, p. 9.

ECO, U. Quando o outro entra em cena, nasce a ética. In: ECO, U. e MARTINI, C.M. *Em que crêem os que não crêem?* Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 79-90.

FAVILLI, M.P.; TANIS, B.; MELLO, M.C.A. A infância roubada: uma reflexão sobre a clínica contemporânea. In: *Revista Ide.*, v. 31, n. 46. São Paulo, 2008.

GOULART, M. Aprendendo a andar de skate. In: *Revista Boletim Formação em Psicanálise*. v. 6., n. 2, São Paulo, 1997.

\_\_\_\_\_. Psicoterapia na Adolescência. In: ASSUMPTÃO JR., F.B. e REALE, D. *Práticas psicoterápicas na infância e adolescência*. São Paulo: Manole, 2002, p. 105-129.

HERMANN, F. A travessia da incerteza (sobre a clínica extensa no consultório). In: *Jornal de Psicanálise*. São Paulo, v. 36, n. 66/67, 2003, p. 167-194.

JARDIM, J. *Pro dia nascer feliz*. Rio de Janeiro, Videolar, 2006.

KURY, M.G. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

O olhar adolescente: os incríveis anos de transição para a vida adulta. Publicação especial da *Revista Mente e Cérebro*, São Paulo: Duetto, 2008.

SAVATER, F. *Ética para meu filho*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WINNICOTT, D.W. (1956). A tendência anti-social. In: *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1987, p. 127-137.

\_\_\_\_\_. (1963). Atendimento hospitalar como complemento de psicoterapia intensiva na adolescência. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990, p. 218-224.

\_\_\_\_\_. (1964-1968). O jogo do rabisco. In: *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, p. 230-243.

\_\_\_\_\_. (1968). Conceitos contemporâneos de desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação superior. In: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 187-203.

\_\_\_\_\_. *Realidad y juego*. Barcelona: Edisa, 1979.

ZIMERMAN, D.E. A utilização de modelos psicanalíticos. In: *Bion da teoria à prática - uma leitura didática*. São Paulo: Artmed, 2004, p. 48-54.

### **Marly T. M. Goulart**

Rua Pará, 65, cj. 82  
Higienópolis - São Paulo/SP  
(11) 3129 5415  
marlygoulart@osite.com.br